



## O ESPAÇO RESIDUAL NO BAIRRO DA LIBERDADE COMO LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Cecília Saito

*De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas.*

Italo Calvino

O Programa de Orientalização implantado no bairro da Liberdade, em São Paulo, foi idealizado pelo jornalista Randolpho Marques de Lobato, em 1969, e teve por modelo inicial, a transformação do bairro à semelhança da chamada Chinatown, na cidade de San Francisco nos Estados Unidos. Esse programa pautou-se pela criação de um tipo de identidade que acabou por privilegiar a implantação de arquétipos do Japão tradicional em seu sistema. O bairro, que recebeu os primeiros imigrantes japoneses desde 1912, foi gradativamente modificando algumas de suas ruas principais, transformando-as em locais de comércio. Com o Programa de Orientalização, a Rua Galvão Bueno, passou a conviver com a paisagem do vermelho vivo que se erigiu imponente junto ao concreto, ficando-se em um majestoso portal de entrada, o *Torii*. Tais cores passam também a se replicar nos postes de três lanternas, os *chôchin suzurantou*, delimitando as ruas que pertencem, ou não, a tal programa. As calçadas recebem o símbolo heráldico *mitsudomoe* que também se inscreve dentro do traçado estabelecido. Entretanto, esta pesquisa não se pautou nestes dados contextuais, e sim, procurou o período anterior a esta diacronia, para justamente, tentar um entendimento das relações sincrônicas/assincrônicas a que Milton Santos faz referência.



*Portal Torii*



*Lanternas chôchin suzurantou*



*Calçada com o símbolo (Heráldica Mitsudomoe)*

*No levantamento de dados históricos, algumas variáveis, imprescindíveis para a elaboração do conteúdo para o prosseguimento, chamaram atenção. Lembrando o filósofo Vilém Flusser (1999:17) que dizia que a dúvida, aliada à curiosidade, é o berço da pesquisa [...] a fé é o estado primordial do espírito. O espírito “ingênuo” e “inocente” crê. Ele tem “boa-fé”. A dúvida acaba com a ingenuidade e inocência do espírito, e isto, pôde ser percebido no confronto com o bairro da Liberdade. As variáveis exigem procedimentos associativos em que os recortes procuraram um entendimento do contexto histórico para, a partir de tais dados, estabelecerem as relações de confronto com as questões ligadas ao Programa de Orientalização. Nesse sentido, surge a questão: como os contextos históricos se projetam através de marcas residuais presentes em distintos contextos espaciais?*

*Diante de dados históricos, a relação entre as apreensões adquiridas e pretendidas provoca certo estranhamento. Nesse contexto, o que chama a atenção em relação ao objeto de estudo diz respeito à existência de duas capelas antigas que se chocam com as marcas referenciais produzidas pelo Programa de Orientalização. A Capela dos Aflitos, que, conforme o próprio nome denuncia, guarda em suas memórias as aflições dos escravos fugitivos e condenados à morte por enforcamento, pertenceu ao primeiro cemitério público da cidade de São Paulo. A Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados carrega, em suas reminiscências, a celebração ritualística da crença popular na ação de transmissão da iluminação às almas dos aflitos, através do ato de acender as velas no interior da capela. Esse ato teria surgido em sinal de devoção ao soldado*

*Chaguinhas que se tornou ícone de sua época, e a todas as almas vítimas da forca. O ponto de dúvida é, justamente, o ângulo da relação dialógica entre as capelas do século XVI e do século XVII, respectivamente, a Capela dos Aflitos e a Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, e o Programa de Orientalização, que objetiva a criação de imagens de espetáculo, preparadas para o olhar do turista. Como uma nova codificação dialoga com um passado de marcas históricas que insistem em sobreviver?*

Em 1958, o jornalista Gabriel Marques comentou sobre a história da Rua dos Aflitos, no jornal paulista “Folha da Noite”:

*[...] essa rua “escondeu muito sangue e chupou muitas lágrimas”, ficou conhecida como “beco” e, antes disso, havia sido um triste cemitério. Para inibir a ação dos escravos fugitivos, muitas vezes, após ocorrer o enforcamento, costumava-se esquartejar, salgar e expor o corpo sobre o lombo de um burro percorrendo ao redor das vilas. E, após esse percurso, o corpo era atirado em covas e enterrado separado da cabeça. Esses fatos ocorreram de 1821 até 1874, quando a pena de morte na forca foi abolida.*

(GABRIEL MARQUES, Folha da Noite, 1958)

O artigo de Gabriel Marques foi o ponto de referência para a busca do contexto histórico do bairro da Liberdade. Constatou-se o que já era imaginado nesse percurso, a escassa bibliografia existente sobre o bairro. O material impresso pesquisado foi encontrado no Museu da Imigração Japonesa em algumas bibliografias em português. Em alguns casos, os dados históricos eram utilizados como objeto de auxílio financeiro, como é o caso da pesquisa realizada pelo oficial da Cúria Metropolitana de São Paulo, Wanderley dos Santos. A renda de sua monografia contribuiu para a manutenção da Capela dos Aflitos e da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados.

Na Rua dos Aflitos, o passado parece estar sedimentado na forma física da Capela dos Aflitos que parece se manter como insígnia de denúncia através de sua própria nomenclatura. “Rua dos Aflitos”, um nome que, ainda hoje, transporta a cicatriz que se mantém latente, atravessando o Programa de Orientalização, de modo que, em se mantendo diferenciada, estreita, curta, sem saída e sem destaque perante as demais que compõe o cenário local pode, quem sabe, passar anônima ou como vítima de fatos passados, não trazendo à tona seu passado de dores. A minúscula capela ao fundo, fundada em 1775, atrai e estanca o fluxo dos transeuntes, conservando um tempo estranho, diferenciado daquele vivido por sua movimentada vizinha, rua Galvão Bueno. Apêndice da Rua dos Estudantes convive com as reminiscências de sua existência, iluminadas pelas chamas de velas depositadas pelos fiéis que a todo instante celebram o rito de seus pedidos.



Rua dos Aflitos



Capela dos Aflitos

O pesquisador Wanderley dos Santos, conta que, conforme o Livro de Óbitos da Paróquia da Sé (1757-1777, fls.194), embora o cemitério pertencesse à administração eclesiástica, em assentamento de 16/11/1775, essa área surge como o primeiro cemitério público da cidade para sepultar os escravos e indigentes. Outro fato marcante ocorreu em 1821, quando, através do Senado da Câmara, foi levantada uma forca situada próxima ao cemitério, local onde hoje está instalada a Praça da Liberdade.

No dia 20 de setembro de 1821, um fato marcadamente polêmico perpetuou-se na história do bairro. Conta Wanderley dos Santos que, nesta data, foram enforcados dois soldados vindos de Santos, Joaquim José Cotindiba e Francisco José das Chagas, chamado Chaguinhas. Após o enforcamento, seus corpos foram sepultados no Cemitério dos Aflitos junto aos corpos de escravos e indigentes. A morte do Chaguinhas mereceu um capítulo à parte na monografia de Wanderley dos Santos. Conta o pesquisador que os dois soldados do 1º. Batalhão do Regimento de caçadores de Santos lideraram uma rebelião na cidade pleiteando o pagamento de salários atrasados. Em consequência dessa rebelião, ocorreram muitas mortes na cidade e a sentença para ambos teria sido a pena de morte por enforcamento. Então, os dois foram trazidos para o Largo da Forca, em São Paulo, sob forte escolta. O primeiro a ser executado foi o soldado Cotindiba, nada ocorrendo fora do habitual, mas, no caso do soldado Chaguinhas, o episódio marcou para sempre a história do bairro. A corda se rompeu por três vezes e a cada nova tentativa, a multidão que assistia tornava-se mais alvoroçada. Conta-se que foi preciso a substituição da corda comum por uma confeccionada em couro, confiscada de um boiadeiro que passava pelo local. Naquela época, a codificação popular indicava liberdade ao réu em casos semelhantes a esse. Porém, a convenção não foi respeitada e a multidão passou a aclamá-lo como herói.

O soldado Chaguinhas tornou-se um ícone de sua época, mobilizando uma multidão de fiéis que após a sua morte, estabeleceu o ritual de acender velas no local. Esse fato deu origem à construção da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados. Ainda hoje, sobrevive a tradição de, em todas as segundas-feiras, muitos fiéis comprarem velas e acenderem-nas no interior da Igreja, que acabou construindo um local próprio para tal. Conta-se que, mesmo atualmente, em todas as segundas-feiras a Igreja recebe milhares de fiéis vindos de todas as partes da cidade. Embora não sejam dados oficiais, nas várias visitas realizadas ao local em função desta pesquisa, pôde-se constatar a frequência de um número muito grande de fiéis que justifica a celebração de missas durante o dia todo. Muitos devotos depositam, além das velas, flores, papel impresso contendo a novena dedicada às almas aflitas e o donativo para a capela em forma de dinheiro. Além disso, a venda de velas e material religioso propiciou a formação de um comércio local diferenciado daquele foco proposto pelo Programa de Orientalização. Em ambas as capelas, o procedimento se assemelha, embora, somente na esquina da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados exista um mercado exterior à igreja formado por variedade de materiais religiosos. Ao lado da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, em frente à Praça da Liberdade, formou-se um comércio religioso que abrange inúmeras crenças, desde a umbanda, o candomblé, os rituais de ciganos, budistas e com alto fluxo de conexão entre as pessoas. Em frente a esse mercado, na calçada, forma-se o reduto de pessoas vestidas como baianas e ciganas que abordam os transeuntes com o propósito de realizar a leitura de seus destinos cobrando certo valor em dinheiro.



Arredores da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados

Quanto mais se caminha em direção à Rua dos Estudantes, ainda nos arredores da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, pode-se perceber todo o tipo de terapia alternativa em forma de consultórios, desde a holística, shiatsu, massagens, yoga, enfim, serviços que pretendem agarrar o

transeunte fiel e ingênuo na sensação de bem estar físico-espiritual. Mesmo não sendo canonizado pela igreja católica, Chaguinhas trouxe modificações espaço temporais significativas para o local que prevalece por séculos mantendo-se inabalável mesmo com a implantação do Programa de Orientalização. Conforme o responsável pela Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, muitas pessoas que acendem velas ou visitam a capela, vêm de outras regiões de São Paulo e, com o surgimento do metrô, o número de fiéis parece sofrer um aumento devido à comodidade de locomoção entre bairros.



Em frente à Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados

Segundo o livro, “Bairros Paulistanos de A a Z”, a história e a lenda se confundem no caso Chaguinhas, mas sabe-se que seu corpo foi, de fato, enterrado no Cemitério dos Aflitos, passando *da condição de morto à de herói-mártir*. De maneira semelhante à da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, na Capela dos Aflitos, muitos fiéis, além de acenderem as velas, passaram a depositar pedidos escritos em pedaços de papéis que são dobrados e depositados nas frestas da porta da capela. Por esse motivo, confeccionou-se uma nova porta, acessível somente pelo interior da capela, para não atrapalhar o andamento da missa, que é realizada todas as segundas-feiras, às 16h00min horas. Os bilhetes contêm pedidos dos fiéis ao soldado Chaguinhas, obedecendo a um ritual que faz parte da tradição do local. Ao depositar seus bilhetes, os fiéis costumam bater três vezes na porta da capela, acreditando que, assim, Chaguinhas atenderá ao chamado e as súplicas serão concedidas.



Porta onde são depositados os pedidos

Ao olhar devoto, a crença prevalece inabalável e, do ponto de vista da relevância do fato, pôde-se *in loco* observar (em dia de visitação), os inúmeros pedidos que haviam sido elaborados e se empilhavam entre as frestas da velha porta de madeira. Assim, parece que o passado relaciona-se com o desejo e sobrevive em um espaço diferenciado. Milton Santos comenta que, *o que atualmente há de específico na relação Espaço-Tempo na Metrópole é justamente isso: não são apenas as ações, como temporalizações práticas, que são Tempo; os objetos, como espacializações práticas, restos de passadas temporalizações, também contêm tempo* (SANTOS,1994:81). Nesse contexto, a relação espaço temporal pode ser percebida também de modo interessante, conforme pontuou Walter Benjamin, fazendo uma ligação com o desejo.

*Na vida, quanto mais cedo alguém formular um desejo, tanto maior será a possibilidade de que se cumpra. Quando se projeta um desejo distante no tempo, tanto mais se pode esperar por sua realização. Contudo, o que nos leva longe no tempo é a experiência que o preenche e o estrutura. Por isso, o desejo realizado é o coroamento da experiência. Na simbólica dos povos, a distância no espaço pode assumir o papel da distância no tempo; esta a razão porque a estrela cadente, precipitando-se na infinita distância do espaço, se transformou no símbolo do desejo realizado* (BENJAMIN,1989:129).

Com o desenvolvimento da cidade, o morro da Forca passou pelo processo de terraplenagem, surgindo então o Largo da Liberdade. O cemitério foi loteado e novos prédios foram construídos. Pode-se mesmo imaginar a vida sendo transformada nesses espaços residuais, pelo agitar das brincadeiras das crianças nas ruas. Walter Benjamin já falava sobre a atração que as crianças sentem pelos resíduos que surgem nas construções. *Em produtos residuais reconhecem o rosto que o mundo das coisas volta exatamente para elas, e para elas unicamente. [...] com isso as crianças formam para si seu mundo de coisas, um pequeno no grande, elas mesmas* (op.cit. 1995:19).

Questões em que o antigo torna-se elemento subjacente em um outro contexto, evidencia a necessidade de observação e estudo. A tradição religiosa e a devoção aos santos caracterizam o espaço dos séculos XVI e XVII no Brasil. Conforme o pesquisador Lincoln Secco<sup>1</sup>, inúmeras igrejas foram construídas em São Paulo nessa época: a Igreja e o Colégio dos Jesuítas, em 1554, *atesta o papel pioneiro da construção das primeiras capelas na origem da maioria das cidades brasileiras*; o antigo Mosteiro de São Bento em São Paulo e sua Igreja de Nossa Senhora do Monserrate, criados em 1598 e desde 1720 dedicada à Nossa Senhora da Assunção; a Igreja da Fraternidade das Chagas fundada em 1676; a Nossa Senhora da Luz, em meados do século XVI e muitas outras. Essas igrejas são elementos que integram as camadas de formação da cidade e se superpõe na complexidade espaço temporal. As sobreposições de camadas temporais, que sulcam as bases materiais da Capela dos Aflitos e da Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, parecem fadadas à diluição de suas presenças diante do cotidiano comercial englobado pelo programa. Entretanto, *reconhecer esse novo a partir do velho pressupõe um “reconhecimento” do velho e uma “parada” perceptiva diante do novo* (FERRARA,1997:32). Essa parada perceptiva que provoca *estranhamento enfrenta a construção diferenciada que disputa a visibilidade ante o transeunte. Tentar identificar particularidades de semelhança nesse contexto seria deparar com a existência de algo em comum entre as manifestações da vida social e de uma obra de arte, pois ambas nascem da vida inconsciente, conforme pontuou Aldo Rossi. Do coletivo para o individual a diferença torna-se secundária, porque umas são produzidas pelo público, as outras para o público; mas é precisamente o público que lhes fornece um denominador comum* (ROSSI, 2001:19).

O enfoque turístico do Programa de Orientalização do bairro da Liberdade pautou-se pela construção da imagem de um Japão elaborado para a mídia. Os caracteres nada sutis, que tencionavam conquistar visibilidade e imponência ao olhar público, participam do impacto de uma nova leitura que o espaço passa a exigir. Entretanto, tais caracteres parecem não mais conseguir se impor ao transeunte, travando luta pela necessidade de um espaço de compreensão semântica, ou mesmo, diluído junto a marcas de outras culturas, por exemplo, da cultura chinesa e da coreana. O portal *Torii*, enquanto símbolo sagrado implantado na Galvão Bueno divide sua carga valorativa com o comércio de camelôs que dele se apropria. Transforma-se o emblema de respeito que separa o terreno sagrado do profano, em varais comerciais de penduricalhos, misturando-se a outros produtos. Essa semiose parece exigir que o emblema sagrado japonês seja profanado ao olhar público.

---

<sup>1</sup>A pesquisa sobre as igrejas antigas de São Paulo encontra-se on-line, ver referência na página final.



Comércio chinês utilizando o *Torii* como suporte

As ruas e suas marcas podem ser vistas também enquanto índice de degradação, decorrente do excesso de comunicação visual de panfletos e cartazes, além de pichações e detritos atirados pela população. A falta de conservação, tanto das luminárias *suzurantonu* como do portal *Torii*, também pode ser percebida pela fixação da fuligem emitida pelos veículos automotivos em suas estruturas. O vermelho, que se erigiu imponente no final da década de 60, encontra-se opaco, transmitindo a sensação de cansaço. A cor, que driblava as marcas do passado através do vermelho vivo, perde gradativamente sua potência tonal, não só dos vermelhos, mas misturando-se aos amarelos e laranjas, disputando lugar entre as inúmeras faixas dos candidatos políticos. As marcas do Projeto de Orientalização tentam estabelecer zonas fronteiriças na construção de um sistema de ordem que identifica o que está dentro ou fora do mesmo. Nesse contexto, torna-se compreensível a saturação de informação nas principais ruas que engloba o Projeto.



Viaduto Osaka – Rua Galvão Bueno



Ibidem

Se levarmos em conta que a história da cidade é a história das suas formas, as formas criadas no passado têm um papel ativo na elaboração do presente e do futuro. Assim, para se estudar a cidade, Milton Santos pontua que é preciso também, trabalhar o conceito de espaço. Espaço como uma categoria histórica de conceito mutável, pois, aos modelos se acrescentam novas variáveis no curso do tempo (SANTOS, 1994:70).

A Capela dos Aflitos e a Capela Santa Cruz das Almas dos Enforcados, podem ser pensadas enquanto formas criadas pelo sistema histórico-temporal que atuam como variáveis dentro desse contexto, e a Rua Galvão Bueno, como uma forma que cria um tecido urbano em constante movimento. Essas formas imprimem-se nos transeuntes que percorrem a cidade, e que, por sua vez, carregam os valores espirituais, conforme o pensamento de Aldo Rossi (2001:16). Espaço, tempo, história, formas, cores, podem ser vistos como elementos de suporte na cidade como mídia. E esses elementos formam a base de sustentação para que a cidade se mediatize.



Rua Galvão Bueno

A imagem é o grande fator midiático da cidade. O objeto caracterizado pelo espaço e suas marcas, produtos, negócios, etc, compõe a suficiência da imagem subdividida em dimensões. *As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente* (LYNCH, 1999:7). Aquele que observa é que realiza o recorte conforme seus objetivos, selecionando e dando *significado àquilo que vê*. Assim, participando do contexto midiático da cidade, as várias camadas residuais convivem com diferente dimensão espaço temporal.

O espaço tenta a coletivização através do chamamento ao turista, criando o Programa de Orientalização que, de certa forma, procura apagar as marcas não desejáveis em sua memória. Porém, a própria suficiência da imagem impossibilita o apagamento de marcas residuais que formam um outro tipo de coletivização que sobrevive junto ao Programa. A própria imagem das capelas anuncia sua

sobrevivência. A coletivização nesses espaços aponta uma tendência crescente, tendo como indicativo as dificuldades da era globalizada. Cada vez mais sufocados pela falta de emprego ou a carência na geração de renda, conseqüências do mundo capitalista, que Milton Santos tanto se dedicou a estudar em vida, pode-se imaginar que, as imagens das capelas, dos santos, das lojas com produtos terapêuticos, mantenham a permanência como antídoto necessário para a sobrevivência em meio às complexidades da metrópole.



Feira de domingo na Praça da Liberdade

No contexto geral do bairro, existe um sincretismo que recria um novo tipo de comércio que dialoga com o sistema dominante, orientalizado, transportando para o comércio de velas e artigos religiosos de crenças populares, a distribuição de seu espaço com artigos de outras culturas, inclusive orientais. As velas convivem com os incensos nas prateleiras das lojas de artigos religiosos e as imagens de santos, como as de Buda; ou, pela força das cores, do vermelho e do branco, dos *chôchins*, que se distribuem por outros suportes, muito além da estampa das lonas das feiras de finais de semana, como também pelas flores de oferendas ao altar das capelas.

## BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter (1995). *Obras escolhidas II, Rua de mão única*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- FLUSSER, Vilém (1999). *A Dívida*. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará.
- FERRARA, Lucrecia D'Aléssio (1997). *Leitura sem palavras*. São Paulo: Editora Ática.
- LYNCH, Kevin (1999). *A imagem da cidade*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- PONCIANO, Levino (2002). *Bairros de A a Z*. São Paulo: Editora Senac, São Paulo.
- ROSSI, Aldo (2001). "Estrutura dos fatos urbanos", IN: *A Arquitetura da Cidade*. 2ª. edição, Trad. Eduardo Brandão, São Paulo: Editora Martins Fontes.
- RYKWERT, Joseph (2004). *A sedução do lugar. A história e o futuro da cidade*. Trad. Valter Lellis Siqueira, São Paulo: Editora Martins Fontes.

SANTOS, Milton (1994). *Técnica, Espaço, Tempo. Globalização e Meio Técnico-Científico Informacional*. São Paulo: Hucitec. Cap.2,3 e 4. pp.61-159.

\_\_\_\_\_ (2004). *A natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. 4ª. ed., São Paulo: EDUSP.

VENTURI, Robert, Scott B. Denise, Izenour, Steven (2003). *Aprendendo com Las Vegas*. São Paulo: Cosac & Naif.

**Cecília Saito é pesquisadora do Centro de Estudos Orientais da PUC-SP**